

O PÍFANO NORDESTINO COMO INSTRUMENTO DE MUSICALIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Leonardo Araújo da Silva ¹

RESUMO

O trabalho proposto tem como objetivo relatar a experiência pedagógico-musical experienciadas na Oficina de Pífano para crianças de 9 a 12 anos, na disciplina do Projeto Práticas Musicais Comunitárias do SESC Casa Amarelas em parceria com a Escola Municipal Severina Lira, onde foram realizadas atividades de apreciação, percepção musical e execução instrumental. A fundamentação teórica foi baseada na pedagogia musical (FONTERRADA, 2008), (MATEIRO e ILARI, 2011), no Pífano como instrumento musicalizador, performático (CUERVO, 2009) e no ensino coletivo de instrumentos (BARBOSA, 1997) e nas avaliações em sala (PERRENOUD, 1999).

Palavras chave: Pífano. Ensino coletivo de instrumento. Práticas musicais comunitárias.

Abstract: This text aims to report the pedagogical musical experience experienced in the pífano workshop for children from nine to twelve years. The pífano workshop was a discipline of community musical practices project of SESC Casa Amarela in partnership with the Musical School Severina Lira. The theoretical foundation was based on the musical pedagogy (FONTERRADA, 2008) (MATEIRO; ILARI, 2011), in the pífano like musicalizer instrument, performer (CUERVO, 2009) and the collective teaching of instruments (BARBOSA, 1997), in the room evaluations (PERRENOUD, 1999).

Keywords: Pífano. Collective teaching of instruments. Community musical practices.

¹ Especialista em Educação Musical e licenciado em música popular com habilitação em Flauta – Transversal.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta experiências e resultados das intervenções didático-pedagógicas musicais desenvolvidas, através da inserção do pífano² no ensino de música do Projeto Práticas Musicais Comunitárias do Sesc Casa Amarela. Essa experiência teve início em outubro de 2017, na Escola Municipal Severina Lira que está localizada no bairro da Tamarineira em Recife-PE. A estrutura de funcionamento da escola atende alunos de 04 a 12 anos da Educação Infantil (Grupos IV e V), Ensino Fundamental (1º ao 5º Ano) e EJA - Educação de Jovens e Adultos (Módulos I, II, III) e oferece inclusão para crianças portadoras de necessidades educacionais especiais. Possui o quantitativo de 11% de alunos inclusos em turmas do ensino regular, contando com acompanhamento pedagógico, social e salas com recursos multifuncionais.

A idealização do projeto Práticas Musicais Comunitárias, surge com intuito de promover ascensão cultural nos bairros Nova Descoberta, Mangueira e Tamarineira, região metropolitana do Recife, situados na redondeza do Sesc Casa Amarela. A integração sociocultural faz parte da política desta instituição, o Sesc Pernambuco, baseada no entendimento de que a cultura é uma ferramenta pertinente para transformação do indivíduo, através da sociedade que incentiva a produção e difusão artística, atuando como elemento de articulação do desenvolvimento artístico-cultural, por meios de cursos e oficinas em práticas musicais de canto coral, flauta doce, percussão, tecnologia musical e pífano, além dos concertos-didáticos³ ministrados pelos professores no caráter de aula expositiva, destacando aspectos da música, instrumentos musicais, repertório, compositores, gêneros e estilos musicais para o público das escolas inseridas na ação social do projeto.

Neste relato, é apresentada a prática realizada junto à turma da oficina de pífano, na qual participaram 11 alunos com faixa etária de 9 a 12 anos, destacando a acessibilidade de um dos alunos com deficiência portador da Síndrome de Down. Em seguida, será apresentada uma descrição da fundamentação teórica que embasou a prática pedagógico-musical, a abordagem metodológica desenvolvida durante as aulas e, por fim serão apresentadas as considerações sobre a experiência docente.

2 O pífano tradicional é um instrumento cilíndrico com sete orifícios circulares, sendo um destinado ao sopro e os restantes aos dedos. Constituído por taboca, taquara, osso, caule de mamoeiro ou, ainda, como é mais explorado hoje em dia, com cano de PVC, uma alternativa para a escassez de matéria-prima natural. É encontrado em três tamanhos: 65cm a 70cm, chamado "régua-inteiro", 50cm, chamado "três-quartos", e 40cm, chamado "régua-pequena".

3 Concerto-didático sobre Egildo Vieira. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=OAvh4TJoCsQ/> Acesso 20 out de 2017.

METODOLOGIA

A oficina de pífano durou por dois trimestres, sendo cada um com turmas diferentes. Primeira etapa iniciou no mês de outubro a novembro de 2017 e a segunda etapa iniciou no mês de março a junho de 2018. As atividades ocorreram uma vez por semana com duração de duas horas, as primeiras aulas foram dedicadas à apresentação do pífano e suas partes (orifícios, corpo) e à exploração dos sons que podem ser realizados pelo instrumento. Outros aspectos abordados foram: o aprendizado da postura corporal apropriada para a execução, o conhecimento dos pontos de apoio do instrumento – polegar direito, polegar esquerdo e boca –, e a articulação necessária para tocar o instrumento. Neste mesmo período foram introduzidas as primeiras notas musicais e suas respectivas digitações, partindo de atividades desenvolvidas com a percepção sonora, através da imitação. Inicialmente foram adotados exercícios musicais tocados em intervalos de terças maiores e menores - primeira e segunda voz -, modelo da estética composicional das bandas de pífanos, explorando as articulações no instrumento.

Leituras rítmicas e solfejos foram atividades trabalhadas no desenvolvimento da prática instrumental, ambas auxiliadas por Apostilhas com conteúdos elementares em música: clave, notação, pentagrama, compassos, escala. Além da apreciação musical dos estilos e gêneros, através dos áudios e vídeos expositivos de bandas de pífanos e seus mestres em seus cotidianos a confecção do pífano, foram mostrados a composição e a execução musical como recurso pedagógico para aprendizagem, além das pesquisas históricas sobre o instrumento. Para o aprendizado e a prática de novas notas foi dado uma tabela com as posições corretas para emissão das notas, os pífanos utilizados nas aulas foram os afinados em Sol maior, o tipo mais usado no Agreste atualmente pelas nas bandas de pífanos que são conhecidos por “três quartos”⁴.

DESENVOLVIMENTO

Considerado um dos pilares da arte musical do Nordeste regional, o pífano historicamente é um instrumento ancestral.

O mais antigo registro de existência de um instrumento semelhante ao pífano no Brasil data de cerca de 2.000 anos atrás. Em 1983, estudos arqueólogos num sítio de

4 Pífano com 36 centímetros afinados em Sol maior comumente usados pelo pifeiros.

pintura rupestre na Serra da Boa Vista (município de Brejo da Madre de Deus, 195 km do Recife) localizaram um cemitério indígena. Entre os 83 esqueletos resgatados, um deles possuía, entre os ossos de seus braços, uma flauta feita de uma tibia humana, com um único furo adornado por um cinto de fibras vegetais (NETO, 2016, p. 24).

No Brasil, foi utilizado pelos indígenas em seus rituais de danças além da catequização e educação, após a chegada dos jesuítas portugueses que o trouxeram nas caravelas no século XVI. O pífano é um dos instrumentos base da oralidade na cultura do campo constituída na esfera do mundo rural, que detém uma relevância na cultura musical das regiões do Nordeste, Sertões e Agrestes, onde existe uma evidência cultural e social constituída pelos pifeiros, através das atuações das bandas de pífanos nos cortejos religiosos, festas cívicas, novenas e procissões.

São expressões culturais tradicionais que se apresentam para o mundo moderno na busca da preservação da cultura nacional, através do conhecimento popular e da tradição passada de pai para filho desde o início do surgimento da banda de pífano no século XX. A cultura popular também esteve ligada ao processo de construção do nacionalismo musical,⁵ construção de conhecimento na qual passou-se a ser elemento fundamental de identidade artística do Brasil. O pífano foi citado nos importantes movimentos musicais brasileiro do século XX que valorizaram a tradição oral encontrada na cultura popular. No Pós-Nacionalismo Musical pelo maestro Cesar Guerra-Peixe na Revista Brasileira de Folclore, com o artigo *Zabumba, orquestra nordestina*⁶ e, no Movimento Armorial pelo compositor Clóvis Pereira com o *Terno de Pife*⁷ composta em 1975, primeiro LP da Orquestra Armorial do Recife.

As primeiras produções fonográficas comercializadas surgiram no ano de 1972, pela Banda de Pífano de Caruaru, que após estes registros discográficos tornou-se referência musical, grupos musicais seus contemporâneos dando continuidade aos estilos inserindo elementos eletrônicos⁸, instrumentos de cordas tangida⁹, friccionados¹⁰ e sopros¹¹ de acordo com as composições na confecção de álbum: Quinteto Armorial¹²; Orquestra Armorial¹³; Pife

5 MARIZ, Vasco. História da música no Brasil. 2ª ed.:1983. (Coleção Retratos do Brasil; v. 150).

6 Biografia de Cesar Guerra-Peixe. Disponível em: <<http://www.guerrapeixe.com/index2.html/>>. Acesso em 30/08/2017.

7 Composição gravada no LP da Orquestra Armorial Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HGfumIme4RY/>>. Acesso em 30/08/2017.

8 Sampler, loop station.

9 Violões, violas de 10 cordas.

10 Violinos, violas, violoncelo, contrabaixo acústico.

11 Flauta –Transversal.

12 Quinteto Armorial formado em Recife pelo escritor Ariano Suassuna em 1970

13 Orquestra Armorial grupo de música instrumental formado no Recife pelos músicos Jarbas Maciel e Cussy de Almeida em 1975.

*muderno*¹⁴. Aqueles foram grupos instrumentais de referência nacional e internacional de música nordestina, que durante suas pesquisas absorveram a linguagem musical dos gêneros característicos expressos na música da cultura do nordeste. O autor Cesar Guerra-Peixe afirma no seu artigo:

[...] os números mais curiosos do seu vasto repertório são os Duetos, música de caráter descritivo, destinadas a serem ouvidas e não dançadas. É tradicional [...] A onça e o cachorro, de espirituosos efeitos instrumentais. Mas os populares criam também peças músicas descrevendo histórias que inventam com personagens simbólicos, geralmente com o fito de satirizar ou fazer crítica social (GUERRA-PEIXE, 1958).

A valorização da cultura pernambucana está explícita nos interesses da proposta pedagógica da oficina, principalmente na conservação da tradição musical do pífano, vista na região do Agreste, sobretudo na cidade de Caruaru, onde se concentra treze bandas de pífanos formadas no campo por homens, mulheres e crianças, é o maior número de bandas atuantes numa única cidade.¹⁵ Os objetivos de ensino aprendizagem surgem através duma articulação entre a teoria e a prática contextualizada a respeito da história do instrumento, do cotidiano social dos pifeiros e da performance que são habilidades necessárias para o aprendizado, didática que estimula a prática instrumental dos alunos com o pífano em busca da conservação dos estilos musicais genuinamente autêntico no que afirma autora Cristina Eira na sua dissertação:

O fato de ter percorrido uma trajetória do campo para cidade permite estudar transformações e permanências dos significados sociais que apresenta a relação com a tradição e a identidade cultural e as duas dimensões presentes na cultura oral do Brasil: de um lado, o seu modo de pensar nativo ligado à cultura de origem, intrínseco ao seu modo de fazer de conhecer, conceber a música. De outro, o processo de assimilação e transformação da cultura local no contexto urbano e moderno das cidades, as permanências e reafirmações dos elementos culturais tradicionais na sociedade urbana. (EIRA, 2008, p. 22).

Na implementação da oficina realizei um diagnóstico do ambiente escolar a fim de reunir informações de diversas ordens que subsidiassem todo o planejamento das futuras atividades. Em sequência, foi feita uma intervenção com os “Jogos Musicais” mediante as entrevistas socioculturais para seleção dos alunos participantes da oficina que foram posteriormente integrantes do grupo musical criado para escola. As aulas aconteciam de maneira coletiva nas quais os alunos poderiam diagnosticar suas evoluções diante das observações feitas nas aulas expositivas, bem como durante a prática instrumental coletiva atentar-se para os conceitos técnicos, teóricos, científicos, históricos, artísticos e filosóficos,

14 Pife Muderno é uma banda de música popular brasileira fundada em 1994 pelo músico Carlos.

15 [...] texto informado por mestre Anderson do Pife, músico, professor, pesquisador e pifeiro da cidade de Caruaru.

possibilitando os diálogos que são fundamentais para o aprendizado dos conteúdos de cada etapa. Entendendo que:

A interação permite ao grupo realizar trocas entre práticas e saberes afetivos e cognitivos entre os próprios sujeitos com a música e entre eles e os professores. Participando ativamente do processo de aprendizagem coletivo e individual, os sujeitos fortalecem sua autonomia de pensamento, autoestima, criatividade na resolução de problemas entre outros aspectos do desenvolvimento musical (CUERVO, 2009, p. 64).

Através das atividades lúdicas e aprendizagem dos conceitos básicos revelados com a prática da experimentação e imitação. O público infantil compreende de forma mais prática e espontânea a música, desenvolvendo a percepção musical, cognição além da motricidade e a capacidade de interação com o meio e com os instrumentos musicais. Dentre estas práticas, damos destaque nesta comunicação à metodologia da oficina de ensino do pífano, com base na Lei 13.278¹⁶ do ensino de música nas escolas e das pedagogias dos métodos ativos idealizados pelos pedagogos musicais da primeira geração do século XX¹⁷ de introdução no Brasil: Émile-Jaques Dalcroze, Edgar Willems, Zoltán Kodály, Carl Orff e Shinichi Suzuki. Segundo Fonterrada:

O que Dalcroze entende por educação musical ultrapassa o conceito comumente atribuído a essa expressão, de ensino de música para crianças. Para ele, toda ação artística é um ato educativo e o sujeito a que se destina essa educação é o cidadão, seja ele criança, jovem ou adulto (FONTERRADA, 2008, p. 128).

Foram estes métodos propostos nas atividades da oficina, no caráter de explorar conceitos básicos da música: ritmo, melodia, harmonia, timbre, propriedades do som, alturas, intensidades, improvisação, imitação associados ao movimento, percepção, além da prática instrumental coletiva, baseadas nos conceitos de ensino de instrumento do prof. Egíldo Vieira¹⁸ e do método de ensino coletivo de instrumentos de bandas, o “Da Capo”, de Joel

¹⁶ BRASIL. Lei 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6o do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>. Acessado em: 5 dez., de 2018.

¹⁷ Cabe destacar que os “métodos ativos” chegaram ao Brasil a partir da década de 1950 e foram gradualmente sendo aplicados em contextos restritos, especialmente aqueles relacionados ao ensino particular de música (FIGUEIREDO, 2013, p.1). Disponível em http://www.amusicanaescola.com.br/pdf/Sergio_Luiz_Figueiredo.pdf.

¹⁸ Egíldo Vieira, nascido no estado de Alagoas, na cidade de Piranhas. Morou em Recife-PE pelo menos desde a década de 70, quando participou ativamente do “Movimento Armorial”, fundado por Ariano Suassuna. Participou da “Orquestra Armorial” e do “Quinteto Armorial”, o qual ainda está na ativa. Foi professor de extensão de flauta transversa e teoria musical na Universidade Federal de Pernambuco. Constantemente se apresenta em grupos ou “solo”, compôs, participou de concursos musicais e escreveu sobre o Pífano. Foi pifeiro e construtor, tendo aprendido o ofício ainda em Alagoas, não possui uma banda de pífanos tradicional. Desenvolveu e construiu instrumentos “nordestinos”, como o “marimbau” e o “ariano”, a sua última criação (uma espécie de “marimbau” misturado com um pife). Estudou na infância em banda marcial. Fabricou pífes afinados segundo o

Barbosa (1997). Os Jogos Musicais foram realizados como parte de um processo da prática docente, propondo o uso de outra maneira de atender a demanda da educação musical no âmbito da Educação Básica, conforme orienta a lei 13.278 proporcionando aos estudantes do 4º ano do fundamental I uma interação e a introdução da Educação Musical, vivências estas que nos ajudaram a diagnosticar o conhecimento prévio musical de cada estudante, seus “potenciais” e “limitações” que garantirão conceitos elementares da música.

Figura 1 Documentário sobre Sebastião Biano.



Fonte: Autor

Figura 2 Jogos Musicais.



Fonte: Autor

Entre outros ganhos, percebe-se que o contato preliminar com o ambiente escolar foi fundamental para criação de um grupo musical, a “Bandinha de Pífano” que se encontra em curso através do respectivo projeto para o desenvolvimento dessas ações, nos apropriamos dos “métodos ativos” abordados nos livros “De Tramas e Fios” (FONTERRADA, 2008) e “Pedagogias em Educação Musical” (MATEIRO; ILARI, 2011).

RESULTADOS

A cada aula um novo estágio era proposto. As etapas de aprendizagem da prática no pífano eram de acordo com o desempenho de cada aluno, por etapas concluídas era acrescentada uma nova lição, era introduzida uma nova atividade técnica no instrumento.

“sistema de temperamento igual”, tendo desenvolvido ao longo dos anos uma metodologia especial para tal. (PIRES, H. P. D, 2005).

Conceitos sobre os aspectos técnicos da respiração, postura corporal e leitura musical discutidos nas aulas anteriores eram revisados nas aulas seguintes. Havia comumente uma rediscussão sobre os conteúdos programáticos buscando sempre o nivelamento da turma. Assim era o processo de avaliação, através da organização didática dávamos seguimento à aprendizagem de novas tarefas, priorizando a percepção musical por meio do “tocar de ouvido”¹⁹ pois era cobrada todo início de aula o fazer musical.

A avaliação formativa assume todo seu sentido no âmbito de uma estratégia pedagógica de luta contra o fracasso e as desigualdades, que está longe de ser sempre executada com coerência e continuidade. (PERRENOUD, 1999).

Figura 3 Bandinha de Pífanos Severina Lira.



Fonte: Autor.

Apesar de terem apresentado interesse e rendimento nas atividades, foi observada uma oscilação na motivação dos alunos no período de adaptação, essa questão se refletiu tanto na assiduidade do grupo quanto na prática diária do instrumento, pela impossibilidade de realizarmos as oficinas fora dos horários das disciplinas curriculares, pois eles tiveram que conciliar a oficina durante o turno escolar.

Tabela 1 : Abaixo apresentamos uma tabela que contem o panorama das aulas de acordo com o semestre letivo e os respectivos resultados das atividades das oficinas.

¹⁹ Definição que se dar na tradição oral para aquele que não depende da partitura como recurso de reprodução.

Turma 2017		Turma 2018	
Aulas de setembro a novembro		Aulas de abril a junho	
Alunos entrevistados	25	Alunos entrevistados	25
Selecionados	10	Selecionados	12
Desistentes	3	Desistentes	1
Número de aulas	14	Número de aulas	13
Assiduidade	75%	Assiduidade	85%
Avaliações	3	Avaliações	3
Resultado da oficina		Resultado da oficina	
Sem participantes para formação banda de pífanos.		Dez participantes para formação banda de pífanos.	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação dos alunos nas atividades da “bandinha de pífano” foi satisfatória. Percebeu-se, ao longo e após a realização das atividades, facilidades e dificuldades dos participantes na execução das tarefas. Notávamos o interesse da maior parte dos alunos no conteúdo apresentado, enquanto outros não se interessaram por essas ações. Contudo, os trabalhos foram realizados com êxito, o que contribui, de certa maneira, com a inserção da oficina de pífano no respectivo ambiente escolar.

Por conseqüente, ressaltamos que as práticas musicais comunitárias é uma ação importantíssima para os bairros Tamarineira, Nova descoberta, Mangabeira adjacentes do Sesc Casa Amarela, bem como para a área da Educação musical, por facilitar o trânsito e o diálogo entre a instituição Sesc Pernambuco e as escolas de educação básica, e por proporcionar experiências docente e formativa aosicineiros, além de fortificar a vivência da música como parte da formação humana no respectivo ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Joel. **Produção científica em ensino coletivo de instrumentos de banda e o terceiro setor: avaliação e perspectivas.** In: Anais do XIV Encontro Anual da ANPPOM. Porto Alegre: 2003, v.1, p. 1-5.
- CUERVO, Luciane. **Concepções de musicalidade entre estudantes de licenciatura de música: Um estudo nas modalidades de ensino presencial e à distância.** In: Anais do XIII Encontro Regional da ABEM. Porto Alegre: IPA Metodista, 2010.
- EIRA, Cristina Veras, **Significações sociais e simbólicas na trajetória da banda de pífano de Caruaru e a problemática história do estudo da cultura de tradição oral no Brasil (1924-2006).** Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Vinci de Moraes: Escola de Música da Universidade Federal de São Paulo, faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas 2008. Dissertação o (Mestrado em Música – Etnomusicologia).
- SILVA, Anderson entrevista concedida ao autor. Caruaru, 09 julh. 2017.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio música e educação.** 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.
- GUERRA-PEIXE, Cesar. **Zabumba, orquestra nordestina.** In: Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro, 10(26), jan/abr., 1970, pp.15-38.
- Lei 13.278 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm Consultado em: 21 mai. de 2019.
- MARIZ, Vasco. **História da música no Brasil.** 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Retratos do Brasil; v. 150).
- MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). **Pedagogias em educação musical.** Curitiba: Ibplex, 2011. 352p. (Série Educação Musical)
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens- entre duas lógicas:** trad. Patrícia Chittoni Ramos – Porto Alegre: Artes Mádicas Sul, 1999.
- NETO, Eduardo Monteiro de Lima *et al.* **Pífanos do Sertão.** Colaboradores Carlos Antônio Malaquias, José Amaro de Sousa Filho, José Caudio Lino; Organizador José Rafael Coelho; fotos Claudia de Moraes Lisboa. – Recife: FacForm, 2016.
- PIRES, Hugo Pordeus Dutra. **A malícia do pife – Caracterização Acústica e Etnomusicológica do Pife Nordestino.** Orientador: Prof. Dr. Leonardo Fuks. Rio de Janeiro: Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2005. Dissertação (Mestrado em Música – Musicologia).